

A CONSAGRAÇÃO NA ESCRITA DA HISTÓRIA: UM OLHAR SOCIOLÓGICO SOBRE A REVISTA *JOAQUIM*

*Natalia ROMANOVSKI**

RESUMO: Neste artigo, procuramos entender algumas questões analíticas implicadas no estudo de produções literárias e artísticas consagradas pela perspectiva das ciências sociais. Tomamos como estudo de caso a análise da revista *Joaquim*, editada em Curitiba entre 1946 e 1948 e consagrada como marco inicial do pensamento moderno na história intelectual do estado do Paraná. Primeiramente, a análise deve restituir esse objeto dentro das relações históricas que condicionaram sua existência. Para tanto, deve-se reconsiderar as categorias nativas que sustentam os discursos instituídos sobre o objeto e que fundamentam seu status de consagração. Ao mesmo tempo, é importante considerar as razões da consagração, que se baseia em um processo objetivo que acaba instituindo certas ênfases como legítimas na escrita da história. Finalmente, procuramos demonstrar na prática, as funções da natureza seletiva dos processos consagratórios.

PALAVRAS-CHAVE: História intelectual. Consagração. Revista *Joaquim*. Estudos paranaenses.

Introdução

Quando uma pesquisa se depara com um objeto histórico – especialmente um objeto consolidado no âmbito intelectual – é preciso atentar para dois significados que se cruzam na sua interpretação, que correspondem a diferentes sentidos atribuídos à noção de história. Por um lado, existe a sua inscrição num devir temporal

* USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Sociologia. São Paulo – SP – Brasil. 05508-010 - sweet.virginia1972@gmail.com.

que pode explicar suas causas e consequências em termos das relações sociais em que esteve inscrito. Por outro, existe a ideia do seu legado, em que a história age enquanto instituição formada por um corpus de interpretações tidas como legítimas.

O caso da análise da revista *Joaquim* mostra a complexidade da relação entre esses significados. A revista foi gerada e ganhou importância primariamente devido à sua gênese no espaço intelectual paranaense da segunda metade da década de 1940. Com relação às interpretações correntes, ela é considerada o principal agente na instituição da arte e literatura modernas no Paraná. Consagrada nesse papel específico, entende-se que a revista condensa o *Zeitgeist* do pós-guerra entre os intelectuais no estado.

Partiremos desse legado para pensarmos as implicações entre história e sociedade que estão imbricadas na escolha da revista como o símbolo maior de sua época. Num primeiro momento, consideraremos os discursos constituídos nas análises do tema. Em seguida, pensaremos o processo metodológico de relativização que pode restituir a revista ao seu momento histórico ao pensá-lo sociologicamente. Voltaremos então à questão da consagração, demonstrando as funções sociais da seletividade da escrita da história conforme podemos ver no caso da *Joaquim*.

Discursos sobre a revista

A maior parte dos discursos sobre a revista *Joaquim* a inscreve no universo da história da arte e literatura paranaenses. Isso pode ser visto exemplarmente em Samways (1988), que considera que:

Joaquim marcou época na vida literária de Curitiba e do Paraná, mas foi causadora, também, de muitas celeumas que agitaram o ambiente literário e artístico de então, por se tratar de um cometimento que cristalizou os anseios dos moços que há muito vinham tentando definir suas ideologias e inquietações; foi visto como o milagre possível e necessário. (SAMWAYS, 1988, p.59).

É perceptível o tom positivo utilizado pela autora, para quem a revista constitui em si mesma uma fase da literatura paranaense. *Joaquim* teria surgido logo após a fase de Rodrigo Júnior, intelectual que, segundo a autora, incentivou a cultura no estado, apesar da mediocridade de sua produção e da fase que ele caracterizou. Desse ponto de vista, a revista representaria a superação das formas antigas e menores da vida intelectual paranaense. Portanto, essa visão está embasada pela ideia da literatura paranaense como um processo evolutivo, do qual *Joaquim*

seria um ponto alto - uma perspectiva disseminada em todas as análises da revista, em maior ou menor grau. Numa abordagem muito menos enfática, o trabalho de Oliveira (2005) também defende que *Joaquim* representa a superação do momento anterior, identificado aqui com o movimento regionalista do estado, o paranismo.

Joaquim [...] experimentou, vivenciou, não se prendeu a tendências e abriu caminhos para a província se reintegrar ao nacional. Da mesma maneira que na emancipação da província, em 1853, quando o Paraná se desgarrou de São Paulo, era importante construir estradas para se encaminhar ao desenvolvimento, aquele novo momento, pós-guerra, pós-Estado Novo, também pedia estradas, mas para um novo desenvolvimento intelectual. A revista e seus editores viam a necessidade de arejar a claustrofóbica opção paranista da geração anterior. Seus inspiradores não eram aqueles que formavam correntes e se fechavam nelas, mas os que optavam pela independência de tendências locais, regionais, nacionais ou internacionais.[...] era preciso praticar essa independência cultural, afinal, a própria cultura requer sempre uma constante e ininterrupta participação [...]

Pela escolha da participação, da atuação dentro da sociedade, questionando valores vigentes e, ao mesmo tempo, apresentando exemplos locais e estrangeiros, a *Joaquim* importou e exportou conhecimento, arte e cultura. (OLIVEIRA, 2005, p.203).

Apesar de mais matizada, a posição do autor também considera a evolução de uma periferia e de seu provincianismo (aqui, o paranismo) para a integração aos debates realizados nos centros da cultura brasileira. O mesmo tipo de discurso pode ser visto em Sanches Neto (1998).

Sendo um veículo nascido na província, mas com aspirações extra-muros, busca uma maior penetração. Enquanto revista periférica, depara-se com a questão da superação da periferia. Este fator também influenciou no perfil editorial da publicação que tinha, além da missão geracional, uma outra, mais imediata, que era redefinir a província. É na confluência destas duas tarefas que se dá a identidade paradoxal de *Joaquim*. A sua representação estará localizada na fronteira, no entre-dois, porque é por esse signo que se torna possível cumprir o seu destino. (SANCHES NETO, 1998, p.77).

Os três trabalhos reforçam a interpretação da revista como móvel de adesão do Paraná às estéticas e ideologias modernas; a superação do passado e da condição periférica (provinciana) do estado; e também, como se vê no último trecho, a pertença geracional da revista como um veículo do pensamento dos jovens do período

e a ideia da participação deles em seu próprio tempo. Em princípio, o problema não é questionar a validade dessa caracterização (que contém uma verdade sobre a revista), mas sim de pensar a sua gênese. Verifica-se então que grande parte dela é informada por posicionamentos como o seguinte:

É um imenso claro na história literária do Paraná esse da revolução modernista [...] que não houve. Aqui se fechou o ciclo das escolas, como nas províncias em geral no ano da graça de 1922. O modernismo foi, quando foi, assimilado em suas maneiras e equívocos descaracterísticos: nunca mais que escrever “me diga” ou compor um soneto sem rimas [...] Mas sempre um soneto e vem daí a embalsamação dos faraós: essas inocentes gerações de lírios, pelas quais a Grande Guerra e as revoluções no país deslizaram, na imagem poética noutros tempos, como nuvens de verão.

Fortaleceu-se assim certa mentalidade reacionária (disfarçada pelo lindo adjetivo de “paranista”), que, em nome de santas tradições, amputou as mãos e furou os olhos dos jovens artistas. As gerações seguintes se sacrificaram por esse estado de coisas e hoje reforçam as fileiras dos lírios da rua 15[...].

Nossa geração, com trabalho humilde, se propõe a participar do seu tempo, empenhada em salvar o homem com a sua arte, como puder. Deixará, não por piadinhas à Emílio, o sinal terrível de sua passagem, mas com uma arte honesta e séria, iluminada pelo sentimento do mundo e a dolorosa consciência do espírito de seus dias. [...] O importante foi a decisão de romper com o passado, nas suas tradições estéreis. (JOAQUIM, 2000, p.3).

Esse trecho pertence ao texto *A geração dos vinte anos na ilha*, considerado um dos mais importantes da revista *Joaquim*. O que se percebe de imediato é que os elementos das análises são retirados do objeto que se pretende analisar, especialmente dos textos mais combativos do autor do texto e principal realizador de *Joaquim*, Dalton Trevisan.

A questão metodológica

A gênese das interpretações tem um valor muito diferenciado dependendo da área que informa o analista. Os três autores citados que analisaram a revista *Joaquim* se localizavam nos estudos literários, em que o tipo de análise informada pela revista e mesmo a adesão à perspectiva da revista como superação dos momentos anteriores na história intelectual é coerente com as formas de classificação e percepção dos produtores da análise.

No entanto, da perspectiva das ciências sociais, a adesão ao discurso nativo (aqui, o discurso de Trevisan) é mais complicada. As camadas de significação impostas pela consagração devem necessariamente ser, se não desconstruídas, ao menos questionadas, com base numa investigação disposicional que procure entender as diversas variáveis capazes de condicionar uma produção cultural específica num determinado momento. Na prática, a análise sociológica buscará o entendimento das interpretações comuns sobre a revista *Joaquim* não como síntese de sua época, mas como produto de uma versão da história que selecionou certos aspectos da época como significativos e merecedores de serem sintetizados dessa forma. Isso significa que o problema é como lidar com a consagração enquanto fenômeno de seleção da memória social, no que é preciso reconsiderar os discursos instituídos em busca do lastro social que é a condição de existência do objeto consagrado (BOURDIEU, 1996).

Nesse caso, podemos reconsiderar as afirmações sobre a revista levando em conta que as interpretações consolidadas têm sua origem na própria lógica do campo. Como colocado anteriormente, a maior parte das análises é feita dentro dos mesmos campos que originaram a revista e onde ela continua a ter sua maior relevância: os campos literário e artístico (mediados em sua interseção com o campo acadêmico). O fato de a análise das ciências sociais tratar o objeto de uma perspectiva relativamente distanciada de seu núcleo central de significação (o campo de origem) faz com que as categorias utilizadas para entender o fenômeno tirem o foco da revista como um objeto completo em si mesmo – e, por conseguinte, incapaz de conter toda a verdade sobre si mesmo, como é tacitamente admitido pela análise literária.

Essas considerações sobre o problema do distanciamento e da objetividade na pesquisa social tomam uma dimensão concreta na prática da investigação, quando as perguntas realizadas pela ciência social se aplicam ao objeto em pauta. No caso da revista *Joaquim*, podemos ver os efeitos da reconsideração dos discursos nativos.

Inicialmente, podemos pensar os sentidos da renovação atribuída a *Joaquim*. A ideia da renovação como um valor positivo remete diretamente ao modernismo ocidental da primeira metade do século XX. Nas apreciações feitas sobre a revista, esse valor está ligado a uma determinada concepção do Paraná, de forma mais geral, e de Curitiba, seu principal polo cultural na época. Essa concepção liga esses espaços geográficos à ideia de província como um lugar de atraso, imobilidade e inércia. De fato, o uso da categoria nativa de província na caracterização da vida cultural curitibana é amplamente disseminado e aceito pelos analistas.

Joaquim teria quebrado o isolamento da província e finalmente integrado o Paraná às discussões nacionais, o que é celebrado em todas as análises. A percepção desse isolamento aos desenvolvimentos exteriores remete, novamente,

às concepções de Trevisan do estado como uma ilha, um lugar remoto sem atividade e movimentação.

No entanto, quando nos debruçamos sobre a vida intelectual pré-*Joachim*, percebemos uma dinâmica na cidade durante a primeira metade do século. A partir do movimento simbolista, foi instituído um meio intelectual que se organizou de muitas formas: em torno de algumas instituições, movimentos (inclusive um movimento modernista poucos anos depois da Semana de Arte Moderna paulista), academias e eventos. Talvez o Paraná fosse sim uma ilha, mas no sentido pensado por Moog (1983), um dentre os muitos polos mais ou menos autônomos que estruturavam a vida intelectual brasileira no período. O conceito de ilha chama a atenção para o fato de que não existia homogeneidade no espaço cultural brasileiro, e é desse ponto de vista que pode ser encarada a vida cultural paranaense: a atividade cultural existia, embora em frequência mais baixa do que em outros polos e operando muitas vezes com base em valores que não eram equivalentes ou legítimos em outros lugares – por exemplo, o paranismo (o qual, no entanto, na década de 1940 não era tão forte enquanto movimento como algumas análises fazem parecer).

Na verdade, o alegado marasmo provinciano percebido pelas análises sobre *Joachim* tem sua origem numa apreciação que tende a considerar a movimentação intelectual existente no estado como irrelevante, pois o único fator que contava no período estava ausente da dinâmica local: a ascensão do modernismo central (cuja origem estava nos centros da cultura brasileira, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo) como paradigma dominante do pensamento e das estéticas artísticas e literárias. A realização dessa ascensão, atribuída à revista *Joachim*, é sempre caracterizada como o maior aspecto positivo da ação da revista. Se é certo que a revista participou do movimento de ascensão do paradigma moderno no âmbito local, a questão que nunca é colocada (pois quebraria a lógica evolucionista que embasa a percepção literária das análises) é: por que essa ascensão é necessariamente positiva?

A resposta a essa pergunta foge ao escopo das análises pretendidas, mas sua resposta não é menos importante por isso. A ascensão do paradigma moderno foi um passo importante nos processos de construção da nação a partir da era Vargas (1930-1945) e é o princípio fundador dos campos de produção cultural de alcance nacional que estavam em processo de formação e consolidação durante o pós-segunda guerra mundial, a época em que *Joachim* surge – ou seja, está na gênese da cultura brasileira como a conhecemos hoje. Isso quer dizer que qualquer análise que se proponha a pensar a revista *Joachim* de um ponto de vista intelectualista (como é o caso dos analistas citados e, obviamente, também o nosso) está atuando com base

na perspectiva intelectual que se formava naquele período. Em outras palavras, os analistas da revista são os herdeiros do mundo cultural criado então.

Ao mesmo tempo em que isso explica a adesão dos analistas ao ponto de vista dos nativos (ou seja, da própria revista), a questão colocada para a análise social se complexifica. A adesão de *Joaquim* ao modernismo central é vista como positiva porque essa adesão é a razão de existência dos próprios analistas enquanto tais – o que colabora para o esquecimento do fato de que a desejada ascensão do paradigma moderno é fruto de uma imposição que tendeu para a homogeneização dos diversos polos de produção cultural.

Um outro esquecimento seletivo pode ser visto na exegese de outra categoria pouco questionada pelos analistas da revista: a de geração. Como vimos, o projeto de Dalton Trevisan se fundava numa concepção geracional. Pode-se ver a ênfase no próprio título *A geração dos vinte anos na ilha* e em diversos outros momentos, nos textos combativos de Trevisan e de outros autores, que revelam como a escolha por essa identidade foi central na montagem da revista. Mas o tratamento sociológico da ênfase geracional é mais complexo do que sugerem as análises existentes sobre a revista e seus agentes principais.

Primeiramente, encarar a revista como o veículo de uma geração (os novos ou moços, como eram chamados na época) muitas vezes dissimula o fato de que nem todos os agentes da revista eram moços em termos de idade - ou seja, nascidos em torno de 1925 e que tinham por volta de 20 anos em 1946, quando a revista começou a ser editada. Alguns eram, inclusive, bem mais velhos. Tendo em vista a heterogeneidade da composição etária, a tomada de posição a favor da arte moderna acabou sendo eleita como o princípio definidor da pertença geracional. Ser a favor do moderno e da renovação cultural no meio intelectual paranaense definia o pertencimento à nova geração.

Mas esse princípio talvez coloque mais problemas do que resolva. Ele dissimula não somente o fato de que entre os agentes centrais para a revista existem intelectuais de gerações anteriores, mas também de que a adesão ao paradigma moderno não era unânime entre esses agentes. No caso do educador Erasmo Pilotto, que participou da estreia de *Joaquim*, a adesão ao modernismo era bastante matizada e ele era crítico com relação à ênfase na linguagem dos modernistas de 1922. Já um dos textos do crítico literário Temístocles Linhares sobre o simbolismo paranaense claramente se origina de uma perspectiva paranista atualizada (JOAQUIM, 2000). Entre os demais agentes, nota-se que a missão profilática atribuída à revista não era tão combativa como muitas das análises sugerem. Dessa forma, ao considerar as diferenças entre os agentes locais da revista, percebe-se que na raiz da maior parte dos discursos sobre a *Joaquim* que foram perpetuados estão os posicionamentos de um dos novos: Dalton Trevisan.

Apesar de os discursos de Trevisan na época e dos analistas ao longo do tempo insistirem na representatividade geracional da revista, na prática vemos uma impossibilidade de localizar completamente um núcleo coerente dessa nova geração em *Joaquim*. O que levanta a questão: quem, de fato, compunha essa nova geração?

Essa pergunta é novamente fruto de um deslocamento das categorias do campo literário para a perspectiva das ciências sociais, pois se trata não mais de um agrupamento de indivíduos em torno de valores comuns (o moderno e a renovação), como é possível na lógica do campo literário, mas sim de encontrar a presença objetiva de outros membros dessa geração (MANNHEIM, 1982).

Boa parte dos membros da geração dos novos em nome da qual Trevisan pretendia falar estavam fora da revista. Muitos deles, que viviam em outros estados, entraram em contato com o escritor a partir da própria *Joaquim*, uma vez que sua distribuição se estendia de norte a sul do Brasil. Esses novos, por sua vez, também editavam revistas de arte e literatura e partilhavam o posicionamento pelo paradigma moderno. A troca entre diversos estados é bastante comentada, já que existiu uma rede formada em âmbito nacional. Mas, mais interessante que isso, é a relativa pouca atenção que as análises dão a uma outra revista de novos que partilhava dos ideais modernos de *Joaquim* e também era editada em Curitiba, a revista *O Livro*.

Essa pouca atenção é ainda mais impressionante quando se pensa que as características atribuídas a *Joaquim* estão muito melhor representadas em *O Livro*: a tomada de partido pelo paradigma moderno e a referência ao modernismo central; a percepção do provincianismo do espaço intelectual paranaense; o aspecto de reunião de membros da nova geração; a proposta de participação no seu próprio tempo. Todos esses pontos foram colocados em prática pelos agentes de *O Livro*, como José Paulo Paes, Glauco Flores de Sá Brito e Armando Ribeiro Pinto – os quais mantiveram relações próximas com Dalton Trevisan e colaboraram em *Joaquim*.

O Livro começou a ser editado em 1939, e no início da década de 1940 já era uma revista bastante madura nos seus posicionamentos modernos. Os seus participantes estavam unidos de forma coerente em função dos posicionamentos intelectuais pró-modernos e antes de *Joaquim* tinham uma presença muito maior no espaço intelectual paranaense do que Dalton Trevisan.

Também a pretensão de Trevisan de que *Joaquim* fizesse parte do seu tempo (expressão que, aliás, é muito usada mas nunca plenamente caracterizada por ele) está muito melhor realizada em *O Livro*. Até mesmo por conta da sua proposta, que explorava “mundanidades”, como disse Paes (apud SANCHES NETO, 1998) e portanto não se limitava ao âmbito das artes e da cultura, *O Livro* mostra os acontecimentos políticos e sociais do Paraná daquele tempo. Seus participantes

se posicionavam abertamente, como vemos na adesão ao marxismo por parte de Ribeiro Pinto – uma posição significativa, tendo em conta a importante presença do marxismo naquele momento entre os intelectuais brasileiros. Já em *Joaquim*, os eventos propriamente de seu tempo aparecem de forma muito refratada e indireta. Posicionamentos políticos explícitos são relativamente raros na revista, apesar do momento de efervescência com relação ao papel dos intelectuais no cenário do pós-guerra e da redemocratização do Brasil.

Portanto, a questão da geração aqui é esclarecedora sobre os dilemas da pesquisa social sobre objetos culturais consagrados. Embora a categoria sociológica de geração sirva para informar a experiência de *Joaquim*, o analista precisa estar atento à questão de que o conceito mobilizado por Trevisan é, em última instância, uma arma ideológica que serve ao seu posicionamento frente aos espaços local e nacional. Embora isso seja um dado significativo para a compreensão da revista, do ponto de vista das ciências sociais a experiência de geração mobilizada por Trevisan não condensa e até mesmo chega a não representar a experiência total de geração. Nesse sentido, *O Livro* e outros periódicos do período são mais representativos dessa experiência, e é a partir desses indícios externos a *Joaquim* que percebemos que as características principais dessa geração são a referência à segunda guerra mundial, como é sugerido por Trevisan, mas por outro lado – e raramente explicitado – é o fato de que esses jovens modernos que procuraram se impor no cenário nacional foram os alvos das campanhas de nacionalização da era Vargas durante boa parte de sua juventude. Deste ponto de vista, a adesão massiva entre eles aos princípios modernistas e a negação do reducionismo regionalista é resultado de uma ação política concreta de inculcação do nacionalismo, do qual a geração dos vinte anos do pós-guerra foi vítima durante seus anos de formação inicial, como mostram as próprias produções escolares dos membros de *O Livro* e de *Joaquim*. E, de fato, a exposição e a possibilidade de inculcação nacionalista entre agentes mais novos e mais velhos em termos de idade é o princípio que explica muitas das divergências e incoerências entre os principais agentes locais de *Joaquim* em termos dos seus projetos intelectuais e de seus posicionamentos na revista¹.

¹ Em outras palavras, este é um caso em que a geração em pauta está de fato ligada à idade dos participantes. A geração dos vinte anos do pós-guerra esteve mais suscetível à inculcação do arbitrário cultural intentada na era Vargas através de mecanismos escolares como os periódicos ginásianos que são a origem de *O Livro* e de *Joaquim*. Os agentes mais velhos, cuja entrada na vida cultural paranaense ocorreu antes ou durante a era Vargas (ou seja, cuja formação educacional e cultural se deu sob a égide da estrutura anterior do espaço cultural brasileiro) tinham dificuldades objetivas de tomar posições tão radicais quanto as propostas por Trevisan. Por outro lado, a disseminação de revistas como *Joaquim* no pós-guerra embasa a interpretação de que a formação dos ideais propagados não se deve a um efeito de grupo, ou seja, de relações interpessoais e das instâncias locais, mas sim a um processo que ocorreu em âmbito nacional (BENEVIDES, 1991).

Sentidos da consagração

Mas, se o caso é que *O Livro* representa historicamente melhor a época em que se inscrevia, é preciso voltar para o sentido da consagração de *Joaquim*. Como e por que *Joaquim* acabou sendo eleita como o maior documento cultural dessa época?

Para responder a essa pergunta, temos que considerar a forma como a história intelectual paranaense é contada. Vemos então que a revista – especialmente nos posicionamentos de Dalton Trevisan – conseguiu impor uma versão bastante seletiva da história que se iniciaria somente com a ascensão do moderno, ou seja, com a própria *Joaquim*. Isso fica claro nas considerações sobre o simbolismo paranaense, realizadas por Trevisan já no segundo número da revista. Trevisan atacou a poesia de Emiliano Pernetá, o principal poeta do movimento, com base na sua qualidade, embora sua crítica não se limite a isso.

Ele fez uma poesia de casinha de chocolate, desligada da vida, onde não há lugar para as asas de um pássaro, o grito de um humano amor, o riso de uma criança ao sol, o sonho de saúde de um moço convalescente. [...] sua poesia, borrifada em água de flor, é uma POESIA DE DIA DA ÁRVORE. Versos bonitos, com sonoridade de sílabas de encher bochechas, mas por acaso poesia é mais do que isso? Se é, Emiliano não foi poeta. [...] O que há nele de solução simbolista não passa de fórmula acadêmica com teoria de correspondências, as assonâncias, e o mais que segue. (JOAQUIM, 2000, p.16).

Com intenção abertamente polêmica, o texto não se aprofunda numa análise exegética, recorrendo em grande parte a expedientes de estilo para comunicar sua oposição a Pernetá – o que não impede que esse texto (e, por extensão, a revista) seja considerado o grande passo na superação do simbolismo no espaço intelectual paranaense. No entanto, esse texto tinha um alvo muito mais pontual do que o movimento simbolista como um todo: era uma resposta direta ao livro apologético a Pernetá, de autoria de Pilotto (1945) – que, aliás, foi um dos idealizadores de *Joaquim*. Mas, nesse livro mesmo, existem trechos que indicam a existência de um forte questionamento com relação à verdadeira importância do simbolismo. Esse fato tem sido amplamente ignorado pelas análises em favor da versão informada por Dalton Trevisan, de que na província Pernetá era acriticamente idolatrado.

Além disso, o fundamento do sucesso da própria crítica de Trevisan é frequentemente minimizado.

No Brasil, em primeiro lugar, revelou-se o simbolismo sem a importância das outras escolas, sendo seus representantes Cruz e Sousa, Alfonsus de Guimarães,

B. Lopes, Emiliano Pernetta etc. Destes poetas instrumentistas, o único “merecedor da classificação de poeta simbolista brasileiro” (Sérgio Milliet), e que, na verdade, “trouxe a sua contribuição para o simbolismo universal” (Roger Bastide), foi Cruz e Sousa, infinitamente superior aos demais e, em particular, a Emiliano, deles o menor. O menor, aliás, conforme a sanção da crítica e do tempo. [...] Além da prova feita pelos seus próprios versos, por que argumento mais irretorquível a favor de sua mediocridade do que a nenhuma importância que lhe dão os grandes críticos de hoje, Álvaro Lins, Antônio Cândido, Tristão de Ataíde, Sérgio Milliet, Mário de Andrade? Ronald de Carvalho, por sinal, nem o citou, como poeta menor que fosse, em sua obrigatória “Pequena História da Literatura Brasileira”. E o silêncio dos críticos é, sem dúvida, também uma opinião. (JOAQUIM, 2000, p.16).

O maior argumento do autor não provém de uma análise e refutação da poesia de Pernetta, mas da mobilização da legitimidade da opinião da crítica dos centros da cultura brasileira sobre o assunto – uma estratégia que lhe rendeu reconhecimento nesses centros, como vemos na apreciação de Antonio Candido sobre *Joaquim*.

No momento, circulam, pelo menos, quatro publicações de grande interesse, uma de escritores feitos, três de principiantes: “Província de São Pedro”, no Rio Grande do Sul; “Edifício”, em Belo Horizonte; “JOAQUIM”, no Paraná; “Magog”, no Rio [...].

Imagino daqui o santo ímpeto dos jovens paranaenses, empenhados em divulgar idéias modernas sobre o teatro, pintura, música, poesia, sem esquecer a política. Pela energia da sua investida, pressinto a vastidão da inercia local, o academismo frio, dessorado, reduzido a poesia de sobremesa e pôr-do-sol que impera no gosto. Aliás, o Paraná tem uma “amende-honorable” a fazer para com a literatura nacional. De lá, com efeito, partiu um dos movimentos mais mediocres que a tem infestado, apadrinhado por Nestor Vítor, Rocha Pombo, Emiliano Pernetta e logo acolitado por uma série de então jovens poetas e escritores, logo tornados paranaenses honorários quando não o eram de nascimento. (JOAQUIM, 2000, p.11, grifos no original).

Esse tipo de comentário sobre *Joaquim* era frequentemente publicado nas páginas da própria revista e é usado pelos analistas da revista como prova do seu sucesso para além do âmbito local. O que os analistas não percebem é que, ao fazê-lo, aceitam a estratégia de legitimação proposta pela própria revista – ou seja, temos aqui mais uma prova da revista impondo a interpretação sobre si mesma. No caso,

percebe-se uma concordância circular entre Trevisan e Candido. À primeira vista, Candido parece legitimar a opinião de Trevisan; no entanto, o fato é que a opinião de Trevisan sobre o simbolismo já era baseada no reconhecimento da crítica de Candido. De qualquer forma, fica claro o alinhamento de Trevisan com o paradigma moderno dos centros.

O fato de que Trevisan escolheu² o lado vencedor do modernismo central para se posicionar acabou sedimentando sua versão da história, que por muito tempo relegou o simbolismo paranaense a um lugar menor, embora, como mostrou Bega (2001), esse grupo tenha sido o responsável pela formação de um espaço intelectual organizado no Paraná – ou seja, realizaram a gênese do espaço social em que *Joaquim* pode surgir. Um olhar mais sério para o grupo simbolista, resultando em trabalhos menos enviesados com relação à qualidade da sua produção e do seu legado, ganhou força apenas nas últimas décadas.

A mesma coisa aconteceu com os modernistas paranaenses da década de 1920, considerados por Trevisan e pela maioria dos analistas como um movimento menor, uma tentativa fracassada e sem seriedade suficiente para ser considerado como objeto legítimo de estudo. Independente da qualidade atribuída à sua produção e dos motivos para as percepções negativas sobre este movimento entre a geração de *Joaquim*, o fato de que somente em 2003 foi publicado um trabalho realmente frutífero sobre esses modernistas iniciais (a tese de doutorado de Iorio em 2003) é significativo do ponto de vista dos processos de consagração que tratamos aqui: de uma forma ou de outra, Dalton Trevisan impôs uma versão da história intelectual paranaense, e somente em tempos mais recentes essa versão começou a ser matizada e questionada.

Trevisan, por meio de *Joaquim* como uma plataforma para sua própria tomada de posição, reescreveu a história intelectual paranaense como tinha acontecido até aquele momento. Nesse sentido, a forma como encerrou o texto *A geração dos vinte anos na ilha* foi uma profecia autorrealizada: “Por tudo, a literatura paranaense inicia agora.” (JOAQUIM, 2000, p.3). Assim, *Joaquim* conseguiu se impor na história literária e artística paranaense ao impor uma visão de evolução cujo ponto alto se encontrava nela mesma, formando uma ideia da história coerente pois simplificada, e em todo caso altamente seletiva e valorativa.

Não menos importante é um trunfo que poucas outras publicações paranaenses têm, e que em certo sentido não se deve à própria revista: a consagração posterior de seus principais participantes. Pensando nos que estavam diretamente ligados à esfera

² Obviamente, essa escolha não foi totalmente livre; a tomada de posição pela arte moderna que se verifica entre os novos da década de 1940 é, como dito anteriormente, fruto de uma imposição ideológica, e é menos uma escolha consciente do que uma obviedade cultural para aqueles que cresceram durante o período Vargas.

paranaense (pois a revista teve colaboradores de todo o país), vemos que muitos desenvolveram uma carreira e um corpus de trabalho que ainda são referência, ainda que as situações variem muito de agente para agente.

No caso de Erasmo Pilotto e Temístocles Linhares, o reconhecimento não está muito ligado ao tipo de atividade desenvolvida por eles na revista (ensaio e crítica), mas em compensação o legado deles na área da educação e dos estudos paranaenses respectivamente é bastante grande e ainda influente. O crítico literário Wilson Martins, era reconhecido como o último sobrevivente da crítica literária de rodapé, gênero que exerceu até o fim da vida apesar da queda de sua importância frente à crítica acadêmica. Mas os dois maiores casos de consagração da revista são o artista Poty Lazzarotto e o próprio Dalton Trevisan, cujas obras entraram para o cânone da arte e literatura nacionais.

Especialmente no caso do último, é possível ver que a importância de *Joaquim* está ligada não somente ao seu sucesso como escritor, mas ao fato de que, sendo ele o maior realizador da revista, *Joaquim* permaneça como uma fonte de conhecimento sobre o início de sua carreira. Boa parte dos trabalhos procura indícios sobre sua formação como escritor em vista de sua recusa em expor sua vida extraliterária a partir do desenvolvimento de sua carreira oficial (que começa apenas no fim da década de 1950). *Joaquim* é, portanto, uma das poucas fontes disponíveis e claras sobre um escritor cujo silêncio o envolve numa aura de mistério.

A consagração individual dos participantes tem outro lado que talvez influencie mais (e também mais subrepticamente) as percepções posteriores, e que pode ser visto num dos artistas mais importantes para a revista, Guido Viaro. Juntamente com Poty, ele é reconhecido como o grande artista responsável pelo estabelecimento da arte moderna no Paraná – outra apreciação que deve às formulações de Trevisan em *Joaquim*, que via em Viaro na década de 1940 uma importante frente de ofensiva contra os estabelecidos da arte no Paraná. Para Trevisan em 1947 (data de publicação original), Viaro representava a:

Inquietude e insatisfação que tanto o aproximam da juventude, o que me parece o primeiro sinal da vitalidade: o de um homem ainda moço, mas já de cabelos brancos, que sempre é visto com os moços, que é compreendido pelos moços e que os compreende, e que é sempre o primeiro à frente das iniciativas renovadoras, daquelas que podem indicar algum caminho desconhecido, ou frutos novos das árvores que se conhecem. (JOAQUIM, 2000, p.6).

O papel de Viaro como líder dos moços era enfatizado pelo autor, e se provou uma das áreas de atuação mais importantes do artista: sua atividade na educação artística em escolas, em seu atelier e na sua escolinha de arte, uma iniciativa então

inovadora no Paraná, são de fato centrais para se pensar o desenvolvimento do meio artístico no estado. Como artista, Guido Viaro também é aclamado – com a exceção de uma voz dissonante que se ergueu para criticar o artista na década de 1980, quando Viaro já tinha morrido: o próprio Dalton Trevisan.

Que contraste com a pobre pintura: bem comportada, reacionária, nenhuma originalidade. Diria até acadêmica, se ele soubesse desenhar. Em busca de efeito maltratava nariz e pé? Ai dele, só inabilidade. Na gravura poderia quem sabe fazer das fraquezas força e, ruim artesão, repetiu sem progresso as poucas qualidades e muitos erros – entre a primeira e a última nada aprendeu. (TREVISAN apud SANCHES NETO, 1998, p.229).

Sanches Neto (1998) e Oliveira (2005) consideram essa mudança de opinião do autor uma tentativa de se afastar da institucionalização de Viaro e manter a posição de independência com relação aos valores provincianos criticados desde *Joaquim*, o que realmente pode ser deduzido da trajetória do escritor. Mas o trecho citado também contém uma crítica mais específica às habilidades de Viaro como artista. Frente a isso, só raramente surge a pergunta: e se Trevisan estiver certo? E, do ponto de vista dos processos de consagração que procuramos tratar aqui, a pergunta ainda é outra: por que a pergunta anterior é tão rara?

Além da sua atuação educacional, Viaro também participou de diversas iniciativas de institucionalização do espaço artístico paranaense – entre elas, a instituição do Salão Paranaense de Artes Plásticas e da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, para onde transferiu os alunos do seu atelier particular na fase inicial. Como resultado dessas iniciativas, muitos dos artistas e pesquisadores da arte paranaenses de renome, que ainda atuam em diversas instituições (inclusive as que Viaro fomentou), tiveram vínculos com sua atuação profissional, pela atuação nos quadros dessas instituições e muitas vezes na condição de alunos e discípulos.

Assim, com o passar das gerações a partir de sua ascensão como artista e professor nos anos 1940, é possível que uma parte considerável do *establishment* artístico paranaense participe de alguma linhagem profissional que se origine em Viaro. Isso significa que não há interesse em que o legado do artista seja reavaliado criticamente, pois ele constituiu as bases em que o meio artístico paranaense atual está estruturado – ou seja, as fundações da atuação e da razão de ser dos próprios intelectuais, responsáveis pela manutenção e reprodução do legado deste meio.

Obviamente, não estamos criticando os membros desse meio, mas é preciso reconhecer que a atividade intelectual no Paraná dos dias de hoje se fundamenta no trabalho de participantes de *Joaquim*. Isso se dá no sentido idealista de que os

agentes de *Joaquim* se posicionaram ao lado dos modernos vencedores das disputas intelectuais que formaram os campos de produção cultural contemporâneos em nível nacional, mas aqui tratamos de um legado mais concreto: aqueles que exercem a atividade intelectual no Paraná são herdeiros de uma estrutura institucional que se formou a partir da ação direta dos participantes de *Joaquim*. Exploramos aqui apenas o caso de Viaro, mas outros agentes podem ser citados: Temístocles Linhares foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que é a base para o setor de Ciências Humanas da atual Universidade Federal do Paraná, em que também atuou como professor, assim como Wilson Martins; Poty Lazzarotto fomentou as artes paranaenses e a ascensão da gravura no estado; Erasmo Pilotto foi um dos responsáveis pela modernização e ampliação do sistema de educação básica no Paraná. Isso sem falar na contribuição mais direta deles com relação às ideologias oficiais do estado, em que notadamente Martins e Linhares participaram na definição da ideia de uma modernidade paranaense a partir da década de 1950.

Em suma, queremos dizer que os processos de consagração que sustentam o papel privilegiado e incontestado da *Joaquim* na história intelectual paranaense têm seu fundamento principal não no mundo abstrato das ideias e concepções literárias e artísticas, mas numa rede institucional concreta que lida com interesses práticos de diversos grupos do estado – mais imediatamente, é claro, dos intelectuais, mas também de grupos que constituem as elites estaduais e têm interesse direto na manutenção simbólica dos (assim considerados) grandes valores paranaenses.

Apreciação paradoxal

Essa situação acaba gerando um paradoxo na apreciação da revista. Embora existam indicações de que a revista teve uma certa repercussão fora do estado, a historiografia que dá conta dela a circunscreve no espaço intelectual paranaense (para o qual evidentemente ela teve uma importância relativa muito maior do que em âmbito nacional). No entanto, essa circunscrição local é justamente o que estava sendo combatido por Dalton Trevisan, pela revista e pelos membros mais ativos da geração ao qual a revista pertencia.

Em outras palavras, em boa parte das análises existe um fundo paranista que sustenta a importância dada à revista. As análises celebram o antiparanismo e o antiprovincianismo da revista, defendendo o argumento de Trevisan, mas reforçam a forma do argumento: a existência de um domínio relativamente separado e independente, que seria a história intelectual paranaense.

Considerações finais

Da perspectiva das ciências sociais, a questão da consagração coloca certos problemas analíticos com relação à reconstrução histórica. Como podemos ver no caso da revista *Joaquim* e de seus agentes, o processo consagratório passa pela instituição de certas verdades inscritas na história enquanto corpus de conhecimento, as quais, se não chegam a ser um falseamento da realidade, enfatizam determinados aspectos que nem sempre são os adequados para uma reconstituição histórica efetiva que explique sociologicamente a possibilidade do surgimento do objeto consagrado no seu momento determinado.

O caso da revista *Joaquim* tem a particularidade adicional de não somente ser consagrado pela historiografia, mas também de dominar o discurso sobre si mesmo. Essa capacidade só pode ser entendida a partir da compreensão de que os principais agentes que participaram desse empreendimento continuaram em poder dos meios de instituir discursos – ou seja, se inseriram com sucesso nos meios intelectuais e alcançaram posições de poder e legitimidade, traduzidas não só em prestígio e reconhecimento mas também no controle efetivo de meios de produção de discursos. Ou seja, esses agentes conseguiram permanecer em posição de controlar a escrita da história, ao se alçarem a posições dominantes nas suas áreas de atuação.

Portanto, o processo de consagração é um processo social objetivo que perpetua determinadas ênfases e minimiza outras. Como vemos no caso da inscrição da revista *Joaquim* na história intelectual paranaense, esse processo envolve as próprias fundações da vida intelectual nesse estado e, longe de ser um processo natural de caráter idealista, é um processo que mobiliza as bases objetivas da produção de conhecimento ao realizar uma seleção da memória social na escrita da história, em que os interesses de posições dominantes podem chegar a perverter o sentido original da produção, como é o caso das análises de *Joaquim* que reforçam princípios paranistas.

CONSECRATION IN THE WRITING OF HISTORY: SOCIOLOGICAL REMARKS ON THE MAGAZINE JOAQUIM

ABSTRACT: *In this paper, we try to grasp the analytical issues associated with the study of consecrated literary and artistic productions, in the perspective of the social sciences. We take as a case study the analysis of the magazine Joaquim, published in Curitiba between 1946 and 1948. It is considered the starting point in the development of modern thought in the intellectual history of the state of*

Paraná. To begin with, this analysis will replace the magazine in the context of the historical relations that conditioned its existence. In order to do so, the analysis must reconsider the native categories that support the present discourses about the subject and its consecrated status. At the same time, it is important to consider the reasons for its consecration, which is based on an objective process that establishes certain emphases as legitimate in the writing of history. Finally, we demonstrate the practical purpose of the selective nature of the consecration processes.

KEYWORDS: *Intellectual history. Consecration. Magazine Joaquim. Studies of Paraná.*

REFERÊNCIAS

BEGA, M. T. S. **Sonho e invenção do Paraná:** geração simbolista e a construção de identidade regional. 2001. 442 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BENEVIDES, C. A. C. **Terra sem passado:** um estudo do Paraná contemporâneo. 1991. 237 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

BOURDIEU, P. **As regras da arte.** 2.ed. Tradução de M. L. Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

JOAQUIM, 1946 – 1948, edição fac-similar. Coleção Brasil Diferente. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2000.

IORIO, R. E. S. **Intrigas e novelas:** literatos e literatura em Curitiba na década de 1920. 2003. 340 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. Tradução de C. Marcondes. In: FORACCHI, M. M. (Org.). **Karl Mannheim:** sociologia. São Paulo: Ática, 1982. p.67-95.

MOOG, V. **Uma interpretação da cultura brasileira.** 2.ed. Rio de Janeiro: Antares, 1983.

O LIVRO. Ano I, 1939; Ano V, 1944; Ano VI-IX, 1945-1948. Curitiba: [s.n.], [s.d.].

OLIVEIRA, L. C. S. **Joaquim contra o Paranismo.** 2005. 234 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

PILOTTO, E. **Emiliano.** Curitiba: GERPA, 1945.

SAMWAYS, M. B. **Introdução à literatura paranaense**. Curitiba: HPV, 1988.

SANCHES NETO, M. **A reinvenção da província**: a revista Joaquim e o espaço de estreia de Dalton Trevisan. 1998. 432 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

Recebido em 30/01/2015.

Aprovado em 06/05/2016.